



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Nas Marés Ouço A Tua Voz

Raquel Dionísio Abrantes

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em
Cinema
(2.º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim João Cunha Braamcamp de Mancelos

Covilhã, setembro de 2019

NAS MARÉS OUÇO A TUA VOZ

"A Revolta da Mulher Paciente"

por

Raquel Dionísio Abrantes

FADE IN:

EXT. GRUTA MARÍTIMA - ENTARDECER

O céu volve-se cor de cinza e as nuvens negras como corvos começam a derramar gotas espessas que se dissolvem no mar. Da entrada de uma gruta marítima, somente acessível de barco, saem LUCILDA, SALVADOR e ANÍBAL. Sentada numa das extremidades da embarcação, encontra-se Lucilda, na faixa dos trinta anos; tem cabelo ruivo e encaracolado, pelos ombros, olhos castanhos claros, pele branca e é robusta, de estatura média. Embrulhada num xaile com padrão xadrez sobre o vestido verde-pinho e longo, fita o oceano. Sentado do lado oposto encontra-se Aníbal, na faixa dos quarenta anos; tem cabelo castanho, olhos castanhos, pele clara, é vigoroso, de estatura alta. São notórias as nódoas na camisa branca amarrotada, embora esteja abraçado a si. Ao leme encontra-se Salvador, na faixa dos vinte anos; tem cabelo negro comprido, olhos escuros, mulato, é forte e alto. Usa um sobretudo azul escuro. Observa ambos.

LUCILDA (V.O.)

Existe um mar em nós e
 nós existimos no mar.
 Somos acalmia e
 turbulência. Ele é
 canto e abraço. E, assim,
 juntos, somos lumes e
 marés.

EXT. ALTO-MAR - AURORA

LEGENDA: "Há seis meses"

Os raios solares concedem pouca luz aos rochedos e incidem no barco, de tamanho médio, adornado com tulipas brancas pintadas. Dentro deste, a colocar os óculos de mergulho e a botija de oxigénio, encontra-se AFONSO, na faixa dos trinta anos; com cabelo ruivo, olhos cor de mel, pele branca, é atlético e de estatura média. Põe a máquina fotográfica subaquática no pulso e, dando um salto em arco, mergulha. As bolhas de ar deslocam-se pressurosas sob a sua cabeça. Uma tartaruga com manchas castanhas e olhos com um círculo

azul cruza-se com Afonso. As barbatanas sobem e descem como asas de mochos e o mergulhador estende a mão, tocando-lhe com as pontas dos dedos. A criatura marinha volta o pescoço e Afonso, de olho posto no óculo da câmara, capta-a. Verifica a pressão do ar e, no pequeno aparelho preto circular, surge o número cento e oitenta e dois, envolto de luzes verdes, cerca de catorze, três laranjas e três vermelhas. Nada mais fundo e olha em redor. Avista um reluzir numa mescla de azul e verde semelhante ao lusco-fusco numa manhã outonal. Ao aproximar-se, encontra uma concha de abalone repleta de linhas que se interligam. Agarra-a e deposita-a dentro de um dos frascos que traz presos à cintura.

INT. ESCOLA - MANHÃ

O teto da escola evidencia alguns fungos, nomeadamente no canto direito, onde o negrume se expande. Lucilda percorre os vastos corredores envergando um vestido bordô pelo joelho e umas sandálias de missangas prateadas. Ostenta uma trança que rodeia o cabelo solto e usa brincos em forma de lua. Transporta a mala enfiada no ombro e a pasta pela mão. Do seu lado esquerdo, existem salas de aulas nas quais FUNCIONÁRIAS limpam as mesas.

LUCILDA

Bom-dia!

FUNCIONÁRIA

Bom-dia, professora
Lucilda!

As restantes funcionárias cumprimentam-na em unísono. Lucilda sobe as escadas e entra na sala de professores que possui duas janelas grandes. Dispõe de um balcão com uma vitrina recheada de pastéis com sementes e de bolos. É decorada com uma mesa redonda de madeira ao centro, diversos cadeirões e uma estante de livros. Lucilda dirige-se ao bar.

LUCILDA

Bom-dia, Henrique. Um
sumo natural de maçã,
se faz favor.

O FUNCIONÁRIO retribui a saudação e prepara o pedido. Pouco depois, serve a bebida.

LUCILDA

Obrigada.

Senta-se num cadeirão perto de uma das janelas, pousa o sumo no braço deste, e põe os pertences encostados às pernas do cadeirão. Retira da pasta um maço de folhas de papel e numa delas lê-se: "Pauta de História". Escreve, enquanto sorve o sumo. Entretanto, chega ao bar Aníbal, de pasta na mão. Traz vestida uma camisa de manga-curta, umas calças e sapatos.

ANÍBAL

Bom-dia! É o costume,
por favor. Mas frio,
sim...?

O funcionário entrega-lhe o chá de limão. Acomoda-se junto da colega.

ANÍBAL

Bom-dia! Tudo bem?

LUCILDA

(ergue a cabeça)
Bom-dia! Tudo bem e
contigo?

ANÍBAL

Também. Acabei de
rever os testes de
inglês.

LUCILDA

E que tal estão?

ANÍBAL

Como sempre. Uns bons,
outros menos.

LUCILDA

O costume.

Aníbal tira da pasta um caderno.

ANÍBAL

Já viste a exposição

ANÍBAL (CONT.)

de fotografia ao pé da
Biblioteca Municipal?

LUCILDA

Ainda não. Podemos dar lá
um salto.

ANÍBAL

É só combinar. Há
quanto tempo não
fazemos um programa
destes?

LUCILDA

É verdade...

pausa.

Aníbal, estás melhor?

ANÍBAL

Dentro do possível,
sim.

LUCILDA

Entendo que seja
difícil, mas...

Aníbal leva a mão ao pescoço e esfrega-o.

ANÍBAL

Eu sei. Mais uma vez
fiz asneira...

LUCILDA

Não, isso foi um
acidente.

ANÍBAL

(desvia o olhar)
Que podia ter sido
evitado se não bebesse
como um louco.

LUCILDA

Culpabilizares-te não
resolve nada.

ANÍBAL

(suspirando)

Antes caí na bebida,
agora nas mentiras.

LUCILDA

As mentiras não deixam
nada inteiro. Perde-se
sempre qualquer coisa...

ANÍBAL

E eu já o devia saber.

LUCILDA

Devias ter sido sincero.

ANÍBAL

Eu sei e por isso...

Neste instante, uma outra PROFESSORA interrompe Lucilda.

PROFESSORA

Lucilda? Chega aqui,
por favor.

LUCILDA

Já venho.

Aníbal folheia o caderno. Pouco tempo depois, Lucilda
senta-se de novo.

LUCILDA

Desculpa. Estavas
a dizer?

ANÍBAL

Nada, nada.

LUCILDA

De certeza?

Aníbal acena afirmativamente com a cabeça.

INT. LIVRARIA - MANHÃ

A livraria é composta por estantes altas de carvalho, com
seis prateleiras, que rodeiam todo o espaço. Dois sofás
encontram-se em frente a estas, assim como separam

diminutos suportes de cadernos. Ao fundo, situa-se o guiché ornamentado com baralhos de cartas relativos a obras literárias, dois computadores e a sugestão da semana. Atrás deste, existe uma porta amarelo-torrada, dando acesso à arrecadação. Salvador, com o cabelo apanhado num rabo de cavalo, enverga uma camisola de manga cavada, o colete de serviço, calças e sapatilhas. Uma cicatriz de queimadura molda-lhe o pescoço. Desempacota encomendas e, enquanto o faz, um CLIENTE esbraceja e discute com uma das FUNCIONÁRIAS.

CLIENTE

Desculpe? Não é possível... Já passou uma semana!

FUNCIONÁRIA

Certo. Mas às vezes há atrasos, compreende?

CLIENTE

Não compreendo nada. Se existem prazos, são para cumprir.

FUNCIONÁRIA

Quando o livro chegar, receberá uma notificação.

Os outros CLIENTES olham por cima do ombro.

CLIENTE

Mas que raio de empregados é que a casa contrata? Resolvem a situação ou não?!

FUNCIONÁRIA

Já verifiquei e o pedido está a ser enviado. É uma questão de aguardar.

CLIENTE

(sopra)

Que incompetência. E a menina não é melhor. Como se...

Neste instante, Salvador guarda as encomendas e desloca-se para junto da colega.

SALVADOR

Com licença, não pude deixar de ouvir. Por vezes, estes atrasos acontecem sem ninguém ter culpa.

CLIENTE

Morre sempre solteira, querem ver? E que me lembre a conversa não era consigo...

SALVADOR

Se está a pôr em causa a inaptidão do estabelecimento, diz respeito a todos os que aqui trabalham.

CLIENTE

Pois! Mas ninguém resolve o problema!

SALVADOR

Ouça. Como a minha colega já lhe disse, receberá um aviso quando o livro estiver na loja. Quanto a isso, resta esperar. Precisa de mais alguma coisa?

CLIENTE

Não. Espero que o livro não demore muito mais. Bom-dia.

O cliente sai porta fora, furioso. Salvador e a colega conversam em SURDINA.

FUNCIONÁRIA

(aliviada)

Obrigada.

SALVADOR

De nada.

Salvador regressa às encomendas. Os restantes clientes são atendidos.

EXT. ALTO-MAR - MANHÃ

Afonso retorna à superfície. Retira os óculos de mergulho e atira-os para dentro do barco. Agarra-se na amurada deste e sobe. Tira a botija de oxigénio e despe o fato de mergulho até à cintura. Entra na cabina e esvazia os frascos. Vai buscar uma toalha, passa-a pelo cabelo, aumenta o VOLUME do rádio e senta-se na cama com o fato de mergulho meio vestido.

VOZ DA RÁDIO

Caros ouvintes, a chuva
vai regressar nos próximos
dias. Venham de lá esses
guarda-chuvas. Agora,
dez músicas seguidas.

Afonso desliga o rádio, segura no violino e TOCA. Aponta notas musicais nas folhas com partituras espalhadas pela cama.

EXT. CAFÉ - NOITE

A esplanada do café com vista sobre a cidade é vasta, preenchida por mesas cinzentas e cadeiras de verga torneando-as. As luzes distantes ponteiam a escuridão e na parede destaca-se uma tela retangular, apoiada em dois tripés. Lucilda, sentada numa das mesas, usando um vestido preto, tem as mãos traçadas à volta do copo com gim. As outras mesas, a pouco e pouco, começam a ser ocupadas. Lucilda verifica o telemóvel e vê uma mensagem do irmão no ecrã. Trata-se de um ficheiro de áudio. Tira da mala os auriculares e coloca-os. Ouve uma composição instrumental de violino. Aquando disto, o dono do café, um HOMEM de cabelo loiro, olhos castanhos, pele branca, de barriga proeminente e de estatura média, dá início à sessão de cinema. Avança para a frente da tela.

HOMEM

Muito boa-noite,
estimados clientes. O
filme de hoje é *Half
Light*. Espero que gostem.
Boa sessão.

Retira-se para o interior do café. Surgem, na tela, folhas de árvores a flutuarem na água e uma MÚSICA orquestral acompanha a imagem da primeira cena. Neste instante, Salvador chega, envergando uma camisola justa de manga-cavada, calções de ganga e uns ténis. Dirige-se ao balcão, senta-se num dos bancos altos e pede uma bica.

SALVADOR

Boa-noite. É um café
cheio, se faz favor.

Vira-se ligeiramente e pousa o olhar no ecrã. Em seguida, desvia-o e percorre a plateia. Enxerga Lucilda a beber o gim, sem afastar os olhos das imagens em movimento. Lucilda segura o copo com delicadeza. Está Salvador concentrado neste quadro vivo, quando uma mão lhe toca no ombro, trazendo-o de volta.

SALVADOR

(olha para trás)

Olá!

Cumprimenta com dois beijos na face a amiga JOANA.

AMIGA

Então, tudo bem?

A amiga senta-se ao seu lado.

SALVADOR

Mais ou menos! E
contigo?

AMIGA

Que aconteceu?

SALVADOR

(com a voz a tremer)

A minha mãe descobriu
que o meu pai tem
outra pessoa.

AMIGA

A sério? Como?

Chama o FUNCIONÁRIO.

AMIGA

Um abatanado, por favor.

SALVADOR

Ouviu uma chamada.
Estava a combinar o próximo encontro.

AMIGA

Agora é que foi de vez!

SALVADOR

(desalentado)

Apesar de tudo, nunca esperei isto dele.

O abatanado é servido.

AMIGA

Obrigada. É alguém que ela conheça?

SALVADOR

Isso não se sabe. Ele não disse quem era. Só sabemos que é um ele.

AMIGA

(limpa os lábios)

Se calhar o teu pai não disse nada por isso mesmo.

SALVADOR

Porque é um covarde, isso sim. Ser um ele ou uma ela não é importante.

AMIGA

Mas talvez seja mais
complicado para ele.

SALVADOR

Nada justifica isto...

A amiga encosta a cabeça ao ombro dele, meigamente. Atrás deles, a esplanada encontra-se mais despojada de PESSOAS. Nas vidraças das portas é visível o reflexo do filme.

EXT. PRAIA - FIM DE TARDE

O sol, ainda alcançando parte da areia, penetra as ondas e oculta-se atrás do mar. No areal, sentados sobre uma toalha longa, encontram-se Lucilda, Afonso, Aníbal e dois AMIGOS. Retiram, de cestos de verga, sandes, frutas, limonadas e bolo de bolacha. Entabulam, gesticulando, uma conversa. Os cães de Lucilda, VLAD e GALILEU, de raça Rough Collie e de pêlo azul merle, correm em redor.

AMIGA 1

O cinema é um espelho
de nós próprios.

AMIGO 2

E é uma porta aberta
para a violência.

AMIGA 1

(acende um cigarro)

Que dizes? Isso são as
notícias!

Lucilda, come uma sanduiche, atenta ao diálogo. Afonso bebe em SILÊNCIO uma limonada, enquanto Aníbal olha, por vezes, para ele.

AMIGO 2

As notícias informam!

AMIGA 1

Que achas, Lucilda?

LUCILDA

Bem, atribuir culpas
não adianta nada. São

LUCILDA (CONT.)

dois meios que nos
mostram outras realidades.

AMIGA 1

Mas a criação não pode
estar submetida a padrões
morais.

AMIGO 2

Mas tem de ter noção
do seu impacto.

LUCILDA

E esse impacto tem
muito mais a ver com
o que está dentro de
nós do que com o que
é mostrado.

AMIGA 1

Isso mesmo!

AMIGO 2

E vocês?

Afonso endireita-se. Aníbal aclara a VOZ.

AFONSO

Devíamos preocupar-nos
mais com quem causa as
verdadeiras tragédias.

ANÍBAL

A ficção ajuda-nos a
viver.

AMIGO 2

E eu não disse o
contrário. Simplesmente,
não são os meus filmes
preferidos.

AMIGA 1

Isso é uma coisa.
Dizeres que banaliza
a violência é outra!

Afonso levanta-se com o copo na mão.

AFONSO

Com licença.

A camisa aberta esvoaça ao VENTO sobre os calções. Dirige-se para a beira-mar.

LUCILDA

Sirvam-se. Já venho.

Aníbal vê-a a afastar-se. Uma lufada de brisa envolve-lhe o vestido e levanta-o. Ao mesmo tempo, segura o chapéu na cabeça. A conversa atrás de si, paulatinamente, some-se.

LUCILDA

Tudo bem?

Lucilda põe-lhe um braço à volta do pescoço.

AFONSO

Tudo.

LUCILDA

Tens estado tão calado.

AFONSO

Há dias assim.

LUCILDA

Seja o que for, estou sempre aqui.

AFONSO

Eu sei, mana.

Afonso beija a irmã na face.

LUCILDA

Aquilo ali está...

Neste momento, um GRITO de sofrimento interrompe-os. Lucilda e Afonso olham sobre o ombro e correm para a toalha.

AFONSO

Que aconteceu?

Aníbal encontra-se agarrado à mão, sangrando. Os dois amigos ajudam-no.

AMIGA 1

O Aníbal cortou-se ao
partir o bolo.

LUCILDA

Oh, meu Deus!

Afonso ajoelha-se e inspeciona o ferimento. Depois, tira a
camisa e enrola-a na mão de Aníbal.

LUCILDA

Vou buscar a caixa dos
primeiros socorros ao
carro.

Lucilda corre desenfreadamente.

AMIGO 2

Tem calma.

AFONSO

Vais ficar bem.

ANÍBAL

É mais sangue do que
outra coisa.

Aníbal esboça um sorriso, apesar de se encontrar com as
faces pálidas.

AFONSO

Mas temos de ir ao
hospital.

Lucilda regressa com a caixa vermelha.

LUCILDA

Toma! Pega nesta gaze.

Afonso pressiona a ferida, retira a camisa e com o auxílio
da irmã, coloca-lhe a gaze.

AFONSO

Vamos.

AMIGO 2

Vão, vão. Nós arrumamos
isto.

AMIGA 1

Depois vamos lá ter.

Aníbal, amparado nos omoplatas de Afonso, caminha.

INT. CASA DE LUCILDA - DIA

Defronte para a praia, a casa-farol de Lucilda, em tons de branco e bordô, encontra-se envolta por rochedos e mar, e ladeada por um caminho pedregoso com ervas e pequenas flores. No primeiro piso, coexistem o quarto, a sala e a cozinha sem que nada os divida. A casa possui duas portas trabalhadas, sendo que uma delas dá passagem para a casa de banho, e a outra para o exterior da casa. A cama castanha de ferro, decorada com luzes brancas, situa-se junto a uma mesinha de cabeceira marrom no tampo e bege na estrutura, bem como perto de um espelho grande e branco. Ao lado destes, figura uma ampla janela de onde pendem cortinas brancas com motivos florais. As paredes brancas estão embelezadas com fotografias e páginas de livros. Existe uma mesa retangular comprida com cadeiras em redor. No corredor há uma escada em caracol que dá acesso à varanda do topo do farol. A CHUVA escorre pelo vidro da janela, como lágrimas num rosto empalidecido, trazendo consigo bagos de areia. Sentada no cadeirão e debaixo de um lençol, Lucilda assiste a um documentário acerca do Renascimento. Entretanto, o TOCAR da campainha, agita os cães. Lucilda coloca o filme em "pausa" e dirige-se à porta.

SALVADOR

Olá!

LUCILDA

Olá! Entra.

SALVADOR

Desculpa aparecer assim.
Espero não estar a
interromper...

LUCILDA

Não faz mal.

Lucilda prepara um café.

LUCILDA

Queres um?

SALVADOR

Pode ser. Obrigado.

LUCILDA

Então?

SALVADOR

Vinha convidar-te para
um passeio.

LUCILDA

(olha-o com demora)

Não vieste até cá para
isso.

Lucilda oferece-lhe uma chávena em cima de um pires.

SALVADOR

Porque não?

LUCILDA

A não ser que queiras
andar à chuva.

Salvador não responde.

LUCILDA

Que foi?

SALVADOR

(senta-se)

Esta história do meu pai
só veio avivar a minha
raiva. Achas-me um monstro
por o odiar?

LUCILDA

Tu não o odeias. Apenas
sentes que sim.

Lucilda senta-se e coloca os pés descalços sobre o
cadeirão.

SALVADOR

Talvez. Mas isso não faz
diferença nenhuma.

LUCILDA

Claro que faz. Um momento
mau não te define. Nem
a nenhum de nós.

SALVADOR

Mas é neles que nos
revelamos.

LUCILDA

Nem sempre.

Salvador SUSPIRA e Lucilda bebe o resto do café.

SALVADOR

(levanta-se)

O que mais me custa são
as mentiras. Elas acordam
o pior de ti.

LUCILDA

(olha para a chuva)

Eu sei. E alimentam-no,
vezes sem conta.

Pousam as chávenas.

SALVADOR

Vá, chega de lamúrias.

LUCILDA

Sim, que as tristezas
não pagam dívidas.

Lucilda desliga a televisão e põe música a TOCAR no gira-
discos. Dança. Salvador sorri.

SALVADOR

Gosto.

LUCILDA

Eu também. É uma das
minhas canções preferidas.

SALVADOR

Estava a referir-me a
ti...

Ela solta uma GARGALHADA.

INT. CASA DE AFONSO - NOITE

Sentados no parapeito da varanda, ambos de tronco nu e calções, Afonso e Aníbal conversam.

AFONSO

Quanto mais?

ANÍBAL

Algum. Estas coisas
levam o seu tempo.

AFONSO

Mas, se o processo está
a andar, porque não
podemos...

O SILVO do mar ouve-se à distância.

ANÍBAL

É melhor não. Depois
tudo será diferente.

Aníbal afaga-lhe o pescoço.

AFONSO

Sinto que estamos a
desperdiçar demasiados
dias.

ANÍBAL

Não estamos.

AFONSO

Mas eu quero contar à
minha irmã. Nós nunca
tivemos segredos.

ANÍBAL

Eu sei. Eu também. Mas
quando for a altura certa.

Aníbal abraça-o. Beijam-se apaixonadamente.

ANÍBAL

Até lá, temos estes
momentos secretos.

AFONSO

Preferia que não o
fossem...

Encaminham-se para dentro. Afonso senta-se na borda da cama de lençóis desalinhados. Aníbal aproxima-se dele.

AFONSO

Ao menos estás melhor
da mão.

Acomodam-se, abraçados e deitados, trocando carinhos. Afonso ajuda Aníbal a retirar os calções.

INT. SALA DE REUNIÕES - TARDE

A sala de reuniões tem uma janela, que apresenta algumas das persianas partidas, dando para o parque de estacionamento. Há uma mesa retangular ligeiramente afastada do móvel, que não apresenta nenhum risco ou moosa, repleto de dossiês. Os docentes encontram-se sentados a remexer em papéis. Lucilda e Aníbal estão de frente um para o outro, e ao lado deles o PROFESSOR de Literatura e a PROFESSORA de Geografia instalam-se.

LUCILDA

Boa-tarde. Vamos dar
início à reunião. Como
discutido ao longo do
ano, esta turma, na sua
maioria, tem notas muito
boas. Mas o comportamento
de alguns alunos preocupa-me.

PROFESSOR 1

Exato. Por isso mesmo,
sugeri diversas vezes
a expulsão.

PROFESSORA 2

A expulsão não é solução.
Não resolve coisa alguma.
Não fazem asneiras nesta
escola, fazem noutra.

PROFESSOR 1

E o problema já não
seria nosso.

PROFESSOR 3

(agita a caneta)
Mas queres corrigir ou
agravar as ações deles?

PROFESSOR 1

E tu consegues alterar
personalidades? Porque é
disso que se trata.

PROFESSOR 3

De comportamento.
Personalidade é outra
coisa.

PROFESSOR 1

Mas o comportamento é uma
faceta que advém da
personalidade.

ANÍBAL

Acho que o importante é
acompanhá-los de perto.
Eles são bons
miúdos. Por vezes,
é necessário ouvi-los.

LUCILDA

Concordo com o Aníbal.
Enquanto professores,
somos mais do que
debitadores de matéria.

PROFESSORA 4

Nem mais. Acho que o
aluno que se portasse
mal, podia ajudar o
senhor Emílio na estufa
umas horas.

PROFESSORA 3

...ou a Dona Zulmira na
biblioteca.

Lucilda aponta num caderno.

LUCILDA

Muito bem. Quem sabe
se até descobrem a
sua vocação.

Os professores dirigem-se ao computador para inserirem as notas no sistema. À medida que o fazem, vão saindo da sala de reuniões. Lucilda arruma os pertences dentro da mala, ao passo que Aníbal introduz as notas.

PROFESSOR 1

(sisudo)

Boa-tarde.

LUCILDA

Boa-tarde.

Aníbal acena com a mão.

ANÍBAL

Está feito.

Lucilda troca de lugar com Aníbal. Depois, vai para junto da mesa. Abre a mala e retira um pau de gelado. Entrega-o a Aníbal.

LUCILDA

Toma.

ANÍBAL

Obrigado. Agora nas
férias vou construir
uma coisa maior.

Dirigem-se os dois para a porta.

LUCILDA

O que vais fazer?

ANÍBAL

(fecha a porta)

Um castelo.

EXT. RIO - DIA

Afonso, envergando uma t-shirt, bermudas e ténis de pano, anda de bicicleta. De mochila às costas e óculos de sol pretos, atravessa trilhos envoltos por árvores, cujas sombras se difundem no pavimento. Deixa o velocípede tombado na relva e desce a ladeira. Tira a mochila e a roupa. Apenas de boxers, entra na água. Flutua.

EXT. PRAIA - MADRUGADA

Gaivotas rompem o céu límpido e a REBENTAÇÃO das ondas mal abraça o areal. Lucilda, de cabelo apanhado numa trança ao lado, de vestido bege, e de sandálias na mão, transporta uma pequena mochila. Passeia com Vlad e Galileu. Ao longo do percurso lança paus aos animais que correm entusiasticamente, salpicando na água. Entretanto, os cães começam a LADRAR. Lucilda gira sobre si e vê um HOMEM, cambaleando e com uma garrafa de vinho quase vazia na mão, atrás de si.

LUCILDA

(para os cães)

Chiu, está tudo bem.

Já chega.

Lucilda olha novamente e o homem aproxima-se. Lucilda retira uma alça da mochila e remexe no interior. As sandálias caem. O homem alcança-a e fica na frente dela. Vlad e Galileu ROSNAM.

HOMEM

Olá, boazona! Vieste
passear os cãezinhos ou
os cãezinhos vieram
passear-te a ti?

Os cães LATEM mais alto. Lucilda não responde, contorna-o e continua a andar. O sujeito agarra-lhe o braço com força e puxa-a para junto dele.

HOMEM

Então? Algum dos cães te
comeu a língua?

Lucilda franze o nariz devido ao forte hálito a álcool.

LUCILDA
(autoritária)
Largue-me!

Uns metros atrás, encontra-se Salvador. De auscultadores postos, movimenta-se ao ritmo da CANÇÃO. De seguida, depara-se com a situação e corre em seu auxílio.

HOMEM
(apalpa-a)
Porquê? Estamos tão bem. Assim, agarradinhos.

LUCILDA
(repele-o)
Pare com isso.

Salvador apanha-o, empurra-o e este cai.

SALVADOR
Largue-a já, seu cabrão!

O homem olha-o, com receio. Levanta-se e cambaleia uns passos.

HOMEM
Só estava a conversar.

SALVADOR
Põe-te a andar daqui! Ou vais ter chatices.

Dizendo algo entredentes, o homem vai embora. Os cães acalmam-se.

SALVADOR
Estás bem?

LUCILDA
Sim, obrigada.

SALVADOR
Tens de ter mais cuidado, quando ninguém está na praia.

Lucilda faz um aceno com a cabeça, passando a mão pelo braço esquerdo.

SALVADOR

De certeza que estás bem?

LUCILDA

Sim. Obrigada.

Salvador apanha as sandálias e entrega-lhas.

SALVADOR

Já agora, acompanho-te até casa.

LUCILDA

Não é preciso.

SALVADOR

Insisto.

Lucilda e Salvador caminham lado a lado, juntamente com os cães.

INT. CASA DE LUCILDA - MANHÃ

Lucilda lê um livro, acomodada na cama com os cães, quando a campainha TOCA algumas vezes. Vlad e Galileu abanam a cauda. Esta levanta-se e abre a porta.

LUCILDA

Bom-dia, mano. Por aqui a estas horas?

Afonso, com um saco de compras pela mão, usa uma t-shirt grisalha, uns calções de fazenda e umas sapatilhas-bota. Abraça a irmã gémea e entra. Os cães, LATINDO de satisfação, correm até ele.

AFONSO

Bom-dia. Vim fazer-te uma surpresa.

LUCILDA

E que trazes aí?

AFONSO

(pousa o saco)

Já vais ver.

Lucilda senta-se na cama e Afonso afaga Vlad e Galileu.

AFONSO

Está tudo bem? Pareces
tensa.

LUCILDA

(perturbada)

Foi algo que aconteceu há
bocado.

Afonso retira croiassãs, um frasco de vidro com doce de noz envolto com um laço de cordel, e maçãs do saco. Prepara o pequeno-almoço.

AFONSO

Que se passou?

LUCILDA

Fui passear com os cães
à praia.

AFONSO

Como é costume.

LUCILDA

(pausadamente)

E durante o passeio, um
homem a cair de bêbedo veio
atrás de mim e
deu-me um apalpão!

AFONSO

(vira-se)

O quê? E o sacana fez-te
mais alguma coisa?

LUCILDA

Não. O Salvador apareceu
e ajudou-me. Depois
acompanhou-me até
aqui.

AFONSO

Para a próxima, vou contigo.

LUCILDA

Nem penses! Tens as tuas coisas para fazer!

AFONSO

Resolve-se.

LUCILDA

Nem pensar. E nem sempre vou de madrugada, sabes?

AFONSO

Estás mesmo bem?

LUCILDA

Estou.

Afonso abeira-se dela e beija-lhe a face.

AFONSO

Ainda bem. Tenho de agradecer-lhe por te ter ajudado.

LUCILDA

(levanta-se)

Não é preciso agradeceres-lhe tu também.

AFONSO

É, sim.

Afonso coloca os pratos com croissãs barrados com doce, transbordando para o exterior uma cor acastanhada, e os sumos naturais em cima da mesa.

AFONSO

Vem comer.

LUCILDA

Sim, *chef*.

Sentam-se e começam a comer.

AFONSO

Que tal?

LUCILDA

Está bom. O que também
não é difícil.

Ambos RIEM.

AFONSO

Sabes que a cozinha
não é o meu forte.

LUCILDA

Não podemos ser bons
em tudo...

AFONSO

Mana, tenho uma coisa
para te contar.

LUCILDA

(com cara de caso)

Novidades? Sou toda
ouvidos.

EXT. VARANDA DA CASA DA FAMÍLIA MALATO - MANHÃ

Salvador encontra-se inclinado sobre o parapeito a ver a
CHUVA miudinha cair. Pouco depois, aparece Aníbal. Fica a
seu lado. Ambos contemplan a paisagem.

ANÍBAL

Será que podemos
conversar agora?

SALVADOR

Há mais alguma coisa
para dizer?

ANÍBAL

(hesitando)

Há.

SALVADOR

Diz lá, então.

ANÍBAL

Eu sei que errei. E
já pedi desculpa.
Espero que me perdoes,
um dia.

SALVADOR

Espero que um dia
pares de mentir.

ANÍBAL

Raios, Salvador! Não
entendes que também
não é fácil para mim?

SALVADOR

(ergue-se)

Podia ser. Sabes, aquele
livro que me ofereceste
há uns anos? *O Pescador
de Girassóis*?!

ANÍBAL

Sim.

SALVADOR

Sublinhaste uma frase.
Dizia: "Coragem não é a
ausência de medo, Necas.
Coragem é ter medo, saber
disso e vencê-lo ainda
assim". Esvaziaste essas
palavras.

Salvador vai para dentro de casa.

ANÍBAL

(para si mesmo)

Também sublinhei: "Coragem
é ela própria e as suas
circunstâncias".

INT. CASA DE LUCILDA - MANHÃ

Lucilda e Afonso continuam à mesa a comer.

AFONSO

Ando com uma pessoa.

LUCILDA

Não me digas! Quem é o
sortudo?

AFONSO

Alguém que conheces.

LUCILDA

A sério? Quem?

Lucilda morde o pão com uma dentada graciosa.

AFONSO

O Aníbal.

O irmão levanta-se e coloca o prato em cima do balcão da
cozinha.

AFONSO

Eu sei, eu sei o que
estás a pensar. Mas o
processo está a...

LUCILDA

A começar. Graças à mulher
que descobriu tudo!

AFONSO

O quê? Não, foi o Aníbal
que lhe contou. Depois
disso estar resolvido...

LUCILDA

(levanta-se)

Não, não. Foi a mulher
que ouviu uma chamada.

AFONSO

Desculpa? Não pode ser,
ele disse-me...

LUCILDA

Ele contou-me. Olhos
nos olhos.

Lucilda encaminha-se para junto do irmão.

AFONSO

Então, ele mentiu-me?
Como foi capaz? Agora faz
mais sentido não querer
contar nada a ninguém.

LUCILDA

Não percebo. Sempre foi
tão correto e justo.

AFONSO

(em lágrimas)
Agora parece que não..

Lucilda abraça-o.

LUCILDA

Calma. Tu vais superar
isto. És forte.

AFONSO

(enxuga os olhos)
Vou é resolver isto.

LUCILDA

Depois. Agora precisas
de tempo para pões a
cabeça em ordem.

Afonso dá um beijo na testa da irmã.

AFONSO

Não te preocupes. E
obrigado.

Afonso sai apressado da casa de Lucilda.

LUCILDA

Afonso! Onde vais, Afonso?

INT. CASA DA FAMÍLIA MALATO - TARDE

A cozinha, decorada com mobília em pedra mármore, é exígua e acolhedora, com uma janela quadrada. Dos tachos e panelas saem vapores que se movimentam acima deles compondo uma nuvem de fumaça. Salvador, de avental posto, apura o sabor do líquido cremoso, levando-o à boca com uma colher de pau. Lambe os lábios. O BORBULHAR da sopa fica abafado pelo TOQUE da campainha. Salvador espreita pelo culo da porta.

SALVADOR

Olá.

Cumprimenta Lucilda com dois beijos. Ficam no *hall* de entrada.

LUCILDA

Boa-tarde. O teu pai está?

SALVADOR

Não.

LUCILDA

Liguei-lhe, mas não atendeu. Por isso, passei por aqui.

SALVADOR

E estás bem?

LUCILDA

Ótima. Bem, se não está em casa, vou-me embora.

SALVADOR

Fica mais um bocado. Prova o que estou a cozinhar.

LUCILDA

Fica para a próxima. Adeus.

SALVADOR

Está bem. Até breve.

Salvador abre-lhe a porta e, em seguida, fecha-a. Ao chegar à cozinha, já os fios de creme escorrem sobre a panela da sopa. Apressa-se a pôr o lume no mínimo.

EXT. CASA DE AFONSO - TARDE

Sentado no chão da varanda encontra-se Afonso, fitando as chamas tremeluzentes, saídas de um cesto com fotografias que se enrugam com o fogo. De dentro de casa faz-se ouvir *Canção de Engate* de António Variações.

INT. CASA DE LUCILDA - ANOITECER

Deitada na cama, com os cães enroscados aos seus pés, Lucilda visiona um filme. Quando acaba, aponta no caderno destinado a cinema, e lê-se: "encantamento, altruísmo, disputa, antiguidade, mistério, fuga". Posteriormente, vai buscar um álbum de fotografias. Folheia-o.

INT. CASA DA FAMÍLIA MALATO - ANOITECER

A mesa do escritório, onde cada objeto se encontra no devido lugar, situa-se em frente de uma janela e tem uma estante de cada lado. Sentado numa cadeira preta com rodas encontra-se Aníbal, de óculos postos e mangas arregaçadas, a colar, com uma pinça, um pau de gelado no edifício.

ANÍBAL

E lá vai mais um...

Pouco tempo depois, o telemóvel TOCA, e Aníbal monta mais um pau. Após isto, retira o telemóvel do bolso das calças, tira os óculos e atende.

ANÍBAL

Estou?

A expressão sorridente depressa se transforma num semblante fechado e tenso.

ANALEPSE - INT. SALA - DIA

Na diminuta sala, há um candelabro centrado no teto, e uma mesa em madeira de tamanho médio. Tem cadeiras em veludo castanho, um sofá junto da telefonia e uma arca laborada. Sentada à mesa, encontra-se uma menina, com um cabelo feito de mil labaredas, moldando-lhe o rosto em canudos. Lê um livro intitulado *A Menina do Mar* de Sophia de Mello Breyner Andresen.

LUCILDA (V.O.)

"Era uma vez uma casa branca
nas dunas, voltada para o
mar. Tinha uma porta, sete
janelas e uma varanda de madeira
pintada de verde. Em roda
da casa havia um jardim de
areia onde cresciam lírios
brancos e uma planta que dava
flores brancas, amarelas e roxas."

Deitado no sofá, a CANTAROLAR afinadamente, encontra-se um menino com cabelo igualmente ruivo. Entretanto, entra na sala a AVÓ, uma senhora com cabelo grisalho e olhos de avelã. Traz uma bandeja com torradas, e a manteiga escoo até aos pratos de porcelana, e a sala é perfumada por jasmim trazido pelo fumejar das chávenas de chá.

AVÓ

Venham lanchar,
meninos. Afonso, vem
para a mesa.

Afonso junta-se a ambas.

FIM DA ANALEPSE

INT. CASA DE LUCILDA - NOITE

Deitada na cama, Lucilda encontra-se abraçada ao álbum de fotografias. Repetidamente, Vlad lambe-lhe a face. Lucilda acorda, espreguiça-se e prepara um café. Em seguida, liga para o irmão.

LUCILDA

Atende.

Como Afonso não atende a chamada, deixa-lhe uma mensagem de voz.

LUCILDA

(de chávena na mão)
Olá, mano. Quando ouvires
está mensagem, liga-me.
Estou preocupada, Afonso.
Beijinhos.

Dirige-se para o corredor e, em seguida, liga para Aníbal.

LUCILDA

Estou? Até que enfim!
Precisamos de conversar.

ANÍBAL (V.O.)

Agora não me dá muito
jeito...

LUCILDA

Não te atrevas a
evitar-me.

ANÍBAL (V.O.)

Que disparate! Mas agora
não posso mesmo. Depois
ligo. Beijos!

LUCILDA

Aníbal, espera!

Lucilda solta um SUSPIRO de frustração.

EXT. PRAIA REMOTA - NOITE

O breu encontra-se polvilhado pelas estrelas. Afonso vagueia na praia remota, perto de um fosso, quando Aníbal chega. Aproxima-se dele e abraça-o. Porém, Afonso repudia-o.

ANÍBAL

Mas afinal que se
passa?

Após um breve SILÊNCIO, Afonso confronta-o.

AFONSO

Quando pensavas contar-me,
mmm?

ANÍBAL

O quê?

AFONSO

Não te faças de parvo!
Já sei de tudo.

ANÍBAL

(suspira)

Está bem. Eu ia contar-te.
Juro que ia.

AFONSO

Sê homenzinho pelo
menos agora! Dizes isso
porque descobri!

ANÍBAL

Desculpa, mas não faz
sentido estares assim.

AFONSO

Como?! Tu mentes-me e
não faz sentido estar
assim?

ANÍBAL

(aproxima-se dele)

Agora está tudo bem.
Podemos ficar juntos à
vontade.

AFONSO

(grita)

Não, não podemos. Tu
enganaste-me!

ANÍBAL

Mas, amor...

AFONSO

Não me toques, porco!

ANÍBAL

Já estás a ultrapassar
as marcas, Afonso! Não
te admito que...

AFONSO

Não me trates como um
dos teus alunos,
ouviste?!

ANÍBAL

(suspira)

Eu amo-te tanto, Afonso.
Não vamos estragar o
que temos por causa
disto.

AFONSO

És uma desilusão. Como
sempre foste para o
teu filho!

Aníbal dá uma bofetada a Afonso. Este, por sua vez, desfere um murro em Aníbal e atira-o ao chão. Em cima dele, continua a socá-lo no rosto. Sangue goteja-lhe pela boca. Debatendo-se, Aníbal esmurra-o e dá-lhe um pontapé.

ANÍBAL

Pára, Afonso!

A contenda prossegue. Ambos lutam na areia e, a dado momento, Afonso sente-se mal.

ANÍBAL

Afonso! Que tens?

AFONSO

Não, não consigo...
respi...

ANÍBAL

Afonso! Que foi,
Afonso?!

Aníbal abana Afonso, contudo este não reage.

INT. CASA DE LUCILDA - NOITE

Galileu está dentro da banheira, coberto de espuma, e Lucilda lava-o.

LUCILDA

Que bom! Sabe bem, não sabe?!

O cão sacode-se.

LUCILDA

Adoras fazer isso, malandreco!

Lucilda passa o chuveiro sobre o corpo de Galileu e a espuma escorre. Posteriormente, traz uma toalha e enrola-a ao animal.

LUCILDA

Agora, só resta secar-te.

Entretanto, vai buscar o telemóvel.

LUCILDA

Vamos, atende.

EXT. PRAIA REMOTA - NOITE

Aníbal encontra-se debruçado sobre o corpo de Afonso. Logo depois, levanta-se e olha em todas as direções. Leva as mãos à cabeça. Seguidamente, curva-se sobre ele e beija-o. Entretanto, agarra-o, a custo, e lança-o ao fosso. CHORA.

INT. LIVRARIA - DIA

Salvador pega a serviço e sai da arrecadação ainda a ajeitar o colete. Ao chegar ao balcão, uma CLIENTE solicita a sua ajuda.

CLIENTE

Desculpe, tem cadernos pequenos?

SALVADOR

Sim. Acompanhe-me, por favor.

Dirigem-se até perto da entrada da loja.

SALVADOR

Nesta gaveta, há vários.

CLIENTE

Muito obrigada.

SALVADOR

Se precisar de mais alguma coisa, é só chamar.

Em frente da secção de poesia, encontra-se Lucilda com a amiga OLÍVIA.

AMIGA

Ainda?

LUCILDA

Sim.

AMIGA

Há de estar tudo bem, vais ver.

LUCILDA

Espero bem que sim.

AMIGA

Às vezes, precisamos de um tempo só para nós.

LUCILDA

Eu sei disso.

Entretanto, Salvador aborda-as.

SALVADOR

Boa-tarde! Precisam de ajuda?

AMIGA

Não, obrigada!

SALVADOR

Olá, Lucilda! Por aqui?
Como estás?

LUCILDA

Mais ou menos.

SALVADOR

Que se passa?

AMIGA

Bem, vou ver de uns
livros.

LUCILDA

Coisas de família.

SALVADOR

Então?

LUCILDA

Se não te importas,
conversamos depois.

SALVADOR

Claro, à vontade. Se
puder ajudar nalguma
coisa, já sabes.

LUCILDA

Obrigada.

SALVADOR

Tenho de voltar ao
trabalho.

Salvador dá-lhe um beijo na bochecha rosada. De seguida,
com dois livros na mão, volta a amiga de Lucilda.

AMIGA

Ele sabe?

LUCILDA

Ainda não...

AMIGA

Que confusão aqui
vai!

LUCILDA

Nem me digas nada.

EXT. JARDIM - DIA

Aníbal, abrigado num guarda-chuva, deambula por um jardim repleto de chorões. Passados alguns minutos, passa em frente à sede da Polícia. Detém-se na escadaria do edifício, hesitante.

INT. POLÍCIA - DIA

Na sala de receção da Polícia, com paredes amareladas, e com uma fileira de bancos, o TIQUETAQUE do relógio é bastante audível. Lucilda entra e desloca-se ao guiché.

LUCILDA

Bom-dia. Venho participar um desaparecimento.

AGENTE 1

Bom-dia. Preencha este boletim de desaparecimento, se faz favor. E aguarde um momento.

LUCILDA

Obrigada.

Lucilda começa a preencher os dados necessários na folha de papel. A dada altura, retira a carteira e verifica alguns deles num cartão. Algum tempo depois, um outro AGENTE aproxima-se dela.

AGENTE 2

Bom-dia. É a senhora que veio participar um desaparecimento?

LUCILDA

(acena que sim)

Sou.

AGENTE 2

Acompanhe-me, por favor.

Lucilda segue-o por um corredor que mal deixa duas pessoas irem lado a lado. Entretanto, viram à direita. O agente abre a porta e segura-a com o braço estendido.

AGENTE 2

Faça o favor de entrar.

Lucilda, de folha na mão, entra na sala. Esta é constituída apenas por uma mesa retangular, onde se localiza um computador, diversas capas com folhas, um suporte para esferográficas e lápis e duas cadeiras. O agente policial fecha a porta.

AGENTE 2

(aponta para a cadeira)

Sente-se.

Ele contorna a secretária e senta-se.

AGENTE 2

Bem, diga-me o seu nome.

LUCILDA

Lucilda Moraes.

AGENTE 2

Vem comunicar um desaparecimento, correto?

LUCILDA

Sim.

AGENTE 2

(escreve no computador)

De quem?

LUCILDA

Do meu irmão, Afonso Moraes.

AGENTE 2

E que idade tem o seu irmão?

LUCILDA

Trinta anos.

AGENTE 2

O que a leva a crer
que desapareceu?

LUCILDA

Há mais de um dia que
não me responde às chamadas
e mensagens...

AGENTE 2

E já foi aos locais que
costuma frequentar ou
contactou amigos?

LUCILDA

Já, mas ninguém sabe de
nada.

AGENTE 2

Notou algum comportamento
fora do normal no seu
irmão?

LUCILDA

Não.

AGENTE 2

Ele contou-lhe alguma
coisa que o deixasse
preocupado ou nervoso?

LUCILDA

Também não.

AGENTE 2

E a vossa relação? Como
é?

Lucilda esboça um sorriso.

LUCILDA

Não podia ser melhor.
Damo-nos muito bem.

AGENTE 2

Portanto, também não

AGENTE 2 (CONT.)

houve nenhuma discussão
entre vocês, que o levasse a
afastar-se por uns dias?

LUCILDA

Não. E eu conheço o meu
irmão. Ele nunca faria nada
sem me avisar.

AGENTE 2

E não há ninguém que lhe
queira mal?

LUCILDA

Não, o meu irmão é boa
pessoa. Evita ao máximo
conflitos.

AGENTE 2

Compreendo. Pode dar-me
uma fotografia do seu
irmão, por favor?

LUCILDA

Tenho uma pequena na
carteira, serve?

AGENTE 2

Por agora, sim.

Lucilda retira a fotografia de Afonso da carteira e
entrega-lha.

AGENTE 2

Dê-me a morada dele.

O agente digita o endereço.

LUCILDA

Rua da Aparição, n.º. 1,
Segundo Esquerdo,
2900-013 Setúbal.

AGENTE 2

Em termos amorosos,
ele está com alguém?

Lucilda clareia a garganta.

LUCILDA

Está. Com um amigo meu.

AGENTE 2

Como se chama esse seu amigo?

LUCILDA

Aníbal Malato. Trabalha na mesma escola que eu.

AGENTE 2

Há quanto tempo estão juntos?

LUCILDA

Não tenho a certeza, mas penso que devem namorar há semanas...

AGENTE 2

E como descreve a relação deles?

LUCILDA

Bem, eu só descobri há pouco tempo.

AGENTE 2

Porquê?

LUCILDA

Porque o meu irmão estava à espera do momento certo para a oficializar...

AGENTE 2

Mesmo para si? Se são tão próximos, como disse, não haveria problema.

LUCILDA

É que...

Lucilda coça a testa.

AGENTE 2

Diga.

LUCILDA

O Aníbal está a divorciar-se da mulher, devido ao relacionamento deles.

AGENTE 2

Estou a perceber. Significa que a mulher descobriu e...

LUCILDA

Ela é o meu irmão.

AGENTE 2

Como assim?

LUCILDA

O meu irmão pensava que o Aníbal tinha contado tudo à mulher e que o divórcio já estava em curso.

AGENTE 2

Continue.

O interrogatório prossegue.

INT. CASA DA FAMÍLIA MALATO - TARDE

Aníbal, apoiado no lavatório da casa de banho, em tronco nu, vê-se ao espelho. Esfrega a barba por fazer, e toca ao de leve, na diminuta crosta do golpe do lábio inferior. Em seguida, liga o chuveiro, despe os calções e entra na banheira.

EXT. PRAIA - DIA

Encontra-se sentada no areal Lucilda. Com um chapéu de palha na cabeça, adornado por um laço castanho, os cabelos ruivos caem soltos sobre os ombros despídos. Fecha os olhos, aspira profundamente o aroma da maresia, e sente a

frescura invadir as narinas. Salvador enxerga-a e acerca-se dela.

SALVADOR

Olá!

LUCILDA

(levanta a cabeça)

Olá!

SALVADOR

Posso fazer-te companhia?

LUCILDA

Podes.

Salvador senta-se junto dela.

SALVADOR

Já há mais notícias?

LUCILDA

Não.

SALVADOR

E precisas de ajuda para alguma coisa?

LUCILDA

Não, obrigada.

Salvador toca-lhe no cabelo.

LUCILDA

Tenho de contar-te uma coisa.

SALVADOR

Força.

LUCILDA

Peço-te para teres calma.

Após um SILÊNCIO, continua.

LUCILDA

Há uns dias, fiquei a saber quem é a pessoa que está com o teu pai.

SALVADOR

Como? Quem é?

LUCILDA

Mmm, é o meu irmão.

SALVADOR

Estás a brincar?!

Salvador levanta-se.

LUCILDA

Mas o meu irmão não
sabia a verdade.

SALVADOR

O meu pai é inacreditável...
Como é possível?!

LUCILDA

O meu irmão ficou tão
triste.

SALVADOR

Então, é por isto que o
meu pai anda mais distante
que o costume.

LUCILDA

Comigo também.

Salvador volta a sentar-se e abraça Lucilda. Afasta-lhe os
fios de cabelo do rosto e beija-a.

INT. POLÍCIA - MANHÃ

A sala é composta por uma mesa retangular e por uma cadeira
giratória, onde se localiza um computador. Aníbal, com as
mãos entrançadas e a barba feita, encontra-se a prestar
declarações.

AGENTE 2

E quando foi a última
vez que se encontraram?

ANÍBAL

Há uns dias.

AGENTE 2

Não notou nada de
estranho?

ANÍBAL

Nada, tudo normalíssimo.

AGENTE 2

Explique-me melhor o
início da vossa relação, a
situação com a sua mulher...

As declarações prolongam-se.

INT. CASA DE AFONSO - TARDE

O teto alto em abóbada e o papel de parede bege bordejado com traças, conferem à casa de Afonso um ar nostálgico. De cima da mesa, encontram-se canetas sem tampa e lápis, juntamente com partituras. Lucilda mostra a casa do irmão aos AGENTES.

MONTAGEM - OS AGENTES ANALISAM A CASA

-- INT. CASA DE AFONSO - TARDE - Os agentes recolhem o computador de Afonso.

-- INT. CASA DE AFONSO - TARDE - Os agentes examinam todas as divisões.

-- INT. CASA DE AFONSO - TARDE - Os agentes questionam Lucilda.

-- INT. CASA DE AFONSO - TARDE - Os agentes saem de casa.

FIM DA MONTAGEM

INT. CASA DA FAMÍLIA MALATO - DIA

Aníbal, encostado à secretária onde uma garrafa de uísque vazia jaz junto de uma construção de edifício partido, bebe diretamente de uma garrafa. Passado pouco tempo, arremessa-a contra a parede. Neste momento, entra a mulher, TÂNIA, de cabelo preto, olhos castanhos, mulata, elegante, de estatura baixa. Usa um top de malha, umas calças de fazenda e sapatos.

TÂNIA

Que vem a ser isto,
Aníbal?

ANÍBAL

Isto o quê?!

TÂNIA

Sinceramente! Olha para
ti! É para quê, mmm?
Para ter pena?

ANÍBAL

Deixa-me em paz!

TÂNIA

Isso é o que eu
quero!

ANÍBAL

Vai-te embora, então! A
porta é já ali...

TÂNIA

Se não te lembras, tudo
isto é dos dois. Caramba,
Aníbal!

ANÍBAL

Não quero nada,
ouviste? Sou o culpado.
Não é preciso bateres
mais no ceguinho.

TÂNIA

E voltaste a beber,
foi?

ANÍBAL

(senta-se)

Pelos vistos...

TÂNIA

Espantoso! Não tens
emenda. Que...

ANÍBAL

Acabou, porra!

TÂNIA
 (ríspida)
 Vê se limpas isto!

A mulher sai do escritório.

EXT. PRAIA REMOTA - AMANHECER

Deitados na areia, ao redor de uma pequena fogueira agora quase em cinza, um grupo de JOVENS dormita na praia. Duas RAPARIGAS e um RAPAZ dormem lado a lado, e uma outra RAPARIGA e RAPAZ dormem abraçados. Uma das raparigas desperta e levanta-se. Espreguiça-se e passeia pela praia. A dado momento avista, de onde está, uma SILHUETA.

RAPARIGA 1
 Oh, deuses!

A rapariga depara-se com um CORPO de um homem. Este encontra-se inchado, algo acinzentado e algumas moscas passeiam por ele. A rapariga cobre o nariz e a boca com o braço e chama os amigos.

RAPARIGA 1
 Merda! Acordem! Venham cá,
 depressa!

Um dos rapazes rezinga, enquanto uma rapariga se senta e olha para a amiga.

RAPAZ 1
 Eh, pá, deixa-nos dormir.

RAPARIGA 2
 (boceja)
 Que foi?

RAPARIGA 1
 E liguem para a polícia!

RAPARIGA 2
 (levanta-se)
 Para a polícia? Mas que...

A rapariga 2 aproxima-se e, ao encarar com o corpo, volta a face. O rapaz 2 ao vê-lo fica lívido e trémulo.

RAPAZ 2

Acho que vou...

O rapaz 2 vomita, enquanto a rapariga 2 o segura. A rapariga 3 aproxima-se de telemóvel encostado à orelha.

RAPARIGA 3

Estou? Bom-dia! O meu nome é Cláudia. Eu e os meus amigos estamos na praia e encontrámos um corpo. Sim, sim, de um homem.

A rapariga 1 abeira-se dos amigos.

INT. HOSPITAL - DIA

Lucilda, com a mala pelo braço, chega a correr à entrada do hospital. Encaminha-se para a receção. Faz uma pergunta à RECECIONISTA. Porém, esta não é audível, visto que uma MÚSICA extradiegética se faz ouvir. A rececionista faz um telefonema. Seguidamente, uma MÉDICA aproxima-se de Lucilda e ambas se dirigem para o elevador. A médica conversa em sussurro com Lucilda e ela, ao ouvi-la, desfaz-se em lágrimas. A médica abraça-a.

INT. POLÍCIA - DIA - DIAS DEPOIS

Dentro de uma sala exígua, encontra-se Lucilda envergando uma blusa de seda cor de salmão, uma saia rodada e umas sabrinas. Com um copo com água entre as mãos, Lucilda esfrega as olheiras. O agente 2, fardado e corpulento, redige uns papéis.

LUCILDA

Arquivado?

AGENTE 2

Exatamente.

LUCILDA

(exalta-se)

Como é possível? Têm de

LUCILDA (CONT.)

continuar com as
investigações!

AGENTE 2

Minha senhora, tenha
calma.

LUCILDA

Trata-se do meu irmão!

AGENTE 2

Compreendo perfeitamente.
Mas não há indícios de
crime. O seu irmão teve
uma cardiomiopatia hi...

LUCILDA

Eu sei, escusa de repetir.

AGENTE 2

Com base em tudo, não...

LUCILDA

E se foi provocado? E
se há mais?

AGENTE 2

O corpo assim nos diria.

LUCILDA

Mas pode ter escapado
alguma coisa.

AGENTE 2

Vá para casa, minha
senhora. Já nos prestou
todas as declarações
necessárias. Obrigado.

LUCILDA

Não, não pode ser.

AGENTE 2

Minha senhora...

LUCILDA

Minha senhora, nada! É

LUCILDA (CONT.)

preciso fazer o trabalho
por si?

AGENTE 2

O trabalho está feito.
Mais uma vez lhe digo
para se acalmar!

LUCILDA

(levanta-se)

Com licença!

Rapidamente, Lucilda sai da sala.

EXT. PRAIA - ENTARDECER

Na praia, fitando a linha de luz que emoldura o horizonte, encontra-se Lucilda dentro de água pelo joelho, vestida de branco. O vestido estende-se pelas ondas em seu redor. Segura um pote castanho em forma de cilindro. Atrás dela, na areia, encontram-se um grupo de AMIGOS, Salvador e Aníbal. Lucilda, com lágrimas nas faces, abre o pote e espalha as cinzas no mar.

INT. CASA DE AFONSO - DIA

Lucilda pousa as caixas de cartão, bem como a mala, em cima da mesa da sala. SUSPIRA e olha em redor. Pega, delicadamente, em objetos. Contempla-os por bastante tempo.

MONTAGEM - LUCILDA EMPACOTA OBJETOS

-- INT. CASA DE AFONSO - DIA - Arruma os pósteres musicais.

-- INT. CASA DE AFONSO - DIA - Arrecada quadros pequenos.

-- INT. CASA DE AFONSO - DIA - Lucilda emociona-se.

-- INT. CASA DE AFONSO - DIA - Salvador ajuda-a a transportar as caixas.

FIM DA MONTAGEM

INT. CASA DE LUCILDA - NOITE

A luz lunar permeia as aberturas da veneziana. Deitada na cama, banhada nela, encontra-se Lucilda. Volta-se de um lado para o outro, cobrindo-se por completo com o lençol. Entretanto, destapa-se e a conversa que entabulara com o irmão, ecoa-lhe na mente.

ANALEPSE - INT. CASA DE LUCILDA - MANHÃ

AFONSO

Então, significa que
ele estava comigo e
ainda com a mulher?

LUCILDA

Não percebo. Sempre foi
tão correto e justo.

AFONSO

(em lágrimas)
Agora parece que não...

LUCILDA

Calma. Tu vais superar
isto. És forte.

AFONSO

(enxuga os olhos)
Vou é resolver isto.

FIM DA ANALEPSE

Lucilda senta-se na cama.

LUCILDA

Será que...

Encaminha-se até ao balcão da cozinha.

INT. CASA DE LUCILDA - ENTARDECER

Aníbal chega a casa de Lucilda e TOCA à campainha. Traz consigo uma caixa branca quadrada que segura, cuidadosamente, com uma mão como se de uma bandeja se tratasse. Do interior da casa, ouve-se MÚSICA ambiente. Pouco tempo depois, Lucilda abre a porta e cumprimentam-se.

ANÍBAL

Olá!

LUCILDA

Entra!

ANÍBAL

Trouxe um maminho para a sobremesa.

LUCILDA

Oooh, não era preciso.

ANÍBAL

Se era. Um doce vai sempre bem.

Lucilda acaba de pôr o talher na mesa.

ANÍBAL

Precisas de ajuda?

LUCILDA

Não, deixa estar. Vai-te sentando.

Aníbal senta-se. Lucilda revolteia a comida nas panelas.

ANÍBAL

Cheira muito bem.

LUCILDA

Espero que saiba ainda melhor.

ANÍBAL

Então, que se passa?

LUCILDA

(traz as panelas)

Nada de mais. Há tanto tempo que não fazíamos um jantar de amigos.

ANÍBAL

Lá isso é verdade.

Lucilda senta-se e serve os pratos com batatas doces, filetes de soja e uma porção de salada. Aníbal enche os copos com vinho branco.

ANÍBAL

Está bom assim,
obrigado.

Em frente um do outro, jantam. Os cães de Lucilda passeiam pela divisão.

ANÍBAL

Está maravilhoso,
mesmo.

LUCILDA

Ainda bem.

ANÍBAL

Não queres um bocadinho
da salada?

LUCILDA

Não. Hoje fico-me pelos
pimentos. Queres?

ANÍBAL

Não, não. Isto chega
e sobra.

LUCILDA

E como estão as coisas?
Melhores?

ANÍBAL

Nem melhores, nem
piores. Mais do mesmo.

Lucilda bebe.

ANÍBAL

E sobre o caso do
Afonso? Ficou mesmo
arquivado?

LUCILDA

Ficou.

ANÍBAL

Ainda bem.

LUCILDA

Ainda bem?!

ANÍBAL

Quero dizer, se assim foi,
é porque ninguém lhe fez
mal. Não há sinais.

LUCILDA

Estou a ver.

Entretanto, Aníbal arregala os olhos e toca no abdómen.

ANÍBAL

(faz um esgar de dor)

Que dor de barriga...

Aníbal apoia-se na mesa e tenta levantar-se. Fica erguido durante uns segundos, cambaleia e, de seguida cai, sem sentidos. Lucilda acaba de beber o copo de vinho branco num trago. Depois, procura nos bolsos da roupa de Aníbal, retira-lhe os pertences e guarda-os numa gaveta. Com passadas largas, dirige-se para as escadas. Em pouco tempo, regressa com cordas e um lenço. Baixa-se, prende-lhe os pulsos e os tornozelos, e amordaça-o. A custo, agarra-lhe por baixo dos braços e arrasta-o para o exterior da casa.

EXT. CASA DE LUCILDA - ENTARDECER

Coloca-o no barco e desloca-se até a uma gruta marítima, em pedra castanha e com uma abertura cilíndrica no teto, e fitando amiúde Aníbal. Chegada ao local, puxa-o para fora do barco, tropeçando por uma vez, e carrega-o até ao patamar superior.

INT. CINEMA - NOITE

A sala de cinema ampla, com um corredor ao centro, composta por incontáveis bancos avermelhados, encontra-se a meia-luz. Cortinas igualmente vermelhas cobrem as paredes. Lucilda e Salvador chegam e procuram o número dos lugares. Na sala somente alguns SUSSURROS são audíveis.

SALVADOR

É aqui.

Sentam-se.

SALVADOR

Lucy? Em relação aquele assunto, como é que tu...

LUCILDA

Aqui, não. Depois conversamos.

As luzes apagam-se, gradualmente, deixando a sala às escuras. Uma MÚSICA celta principia e os rostos de ambos são iluminados pela claridade da tela. Ao longo do filme, entreolham-se e sorriem um para o outro.

INT. CASA DE LUCILDA - NOITE

Vlad e Galileu deitados na cama, começam a abanar as caudas e a LATIR, quando ouvem VOZES familiares do lado de fora de casa. A porta é aberta, Lucilda acende a luz, e os cães correm ao seu encontro.

LUCILDA

(abraça-os)

Olá, meus amores!

Salvador faz-lhes festas na cabeça.

SALVADOR

Então, em que é que ficamos?

LUCILDA

Já te disse tudo o que havia para dizer.

SALVADOR

Se a opinião das pessoas não te importa, qual é o problema?

LUCILDA

Estou-me a borrifar para o que pensam ou deixam de

LUCILDA (CONT.)

pensar. Já te disse. Não há problema nenhum. Simplesmente, não temos de estar sempre colados como lapas.

SALVADOR

E não. Mas não é isso. Parece que algo te incomoda quando estás comigo...

LUCILDA

Isso é impressão tua.

Salvador aproxima-se dela e abraça-a.

SALVADOR

Pronto, está bem. Vou indo.

Dirige-se para a porta. Lucilda acompanha-o. Beijam-se meigamente.

SALVADOR

Até amanhã.

LUCILDA

Adeus.

Continuam a beijar-se e encostam-se à porta. Ao fazê-lo, apagam a luz. Salvador pega-lhe ao colo e, abraçados, deslocam-se pela divisão. Deitam-se na cama e, os seus reflexos alumiados pela luz que entra pela janela, surgem no espelho. Nele, é visível a mão de Salvador a descer, com lentidão, pelas costas de Lucilda e, as mãos dela, seguras nas ancas dele. Lucilda beija-lhe a cicatriz.

INT. GRUTA MARÍTIMA - AMANHECER

Olhando em redor, Aníbal encontra-se jacente na areia, a GRITAR. A VOCIFERAÇÃO é abafada pela mordaca. Fricciona as mãos e esforça-se para ficar sentado. Do exterior, a CHUVA faz-se ouvir com maior intensidade.

INT. CASA DE LUCILDA - MANHÃ

Lucilda está deitada na cama a dormir, com Vlad aninhado ao lado, e Salvador prepara tostas com doce, uma malga com bananas cortadas, assim como um sumo natural de melancia. Coloca tudo num tabuleiro, onde uma tulipa branca já se encontra, e serve-lhe o pequeno-almoço na cama. Pousa-o, pega na flor e passa-a, com ternura, pela testa, nariz e lábios de Lucilda. Ela abre os olhos e sorri.

SALVADOR

Bom-dia, dorminhoca!

LUCILDA

(boceja)

Bom-dia!

Beijam-se. Salvador entrega-lhe a tulipa.

LUCILDA

Obrigada!

Senta-se. Ele põe o tabuleiro sobre o colo dela. Salvador retira uma tosta.

SALVADOR

Toca a comer.

Lucilda come.

LUCILDA

Adoro!

SALVADOR

Tenho de ir indo.

LUCILDA

Come mais alguma
coisa.

SALVADOR

Já tomei o pequeno-almoço
enquanto dormias. Ainda
tenho de passar por casa.

LUCILDA

Bom trabalho!

SALVADOR

Obrigado!

Beijam-se. Salvador sai.

INT. GRUTA MARÍTIMA - DIA

Aníbal encontra-se encostado à parede da gruta. Respira ofegantemente. Entretanto, surge Lucilda com um saco de papel. Atira-o para o chão. Lucilda agacha-se. Aníbal, abafado pela mordaca, consegue articular algumas palavras.

ANÍBAL

Lucilda! Ajuda-me!

LUCILDA

O quê? Não estou a ouvir bem.

ANÍBAL

Ajuda-me, por favor!

LUCILDA

(baixa a mordaca)
Espera. Diz lá agora.

ANÍBAL

Tira-me isto. Ainda bem que me encontraste. Acordei aqui não sei como.

LUCILDA

(senta-se)
As coisas que acontecem, já viste?!

ANÍBAL

Que se passa contigo?
Liberta-me!

Do saco, Lucilda retira uma garrafa de água e dá-lhe a beber. Este bebe sofregamente.

LUCILDA

Isso é que é sede,
hein?!

ANÍBAL

Mas que estás a
fazer? Desamarra-me.

LUCILDA

Isso é que não pode
ser.

ANÍBAL

O quê...?!

LUCILDA

Vamos lá ao que
interessa. Não há nada
que me queiras contar?

ANÍBAL

Tu não estás bem.
Desamarra-me de uma
vez.

LUCILDA

Vamos tentar de
novo. O que não me
contaste, Aníbal?

ANÍBAL

Espera aí. Foste tu
que me fizeste
isto?

LUCILDA

Vais responder à
pergunta ou não?

ANÍBAL

Não sei o que se
passa, mas tu não
és assim. Nós somos
amigos, Lucilda. Por
favor...

LUCILDA

Parece que hoje não
vamos a lado nenhum.

Lucilda coloca-lhe a mordaca.

ANÍBAL

(debate-se)

Não. Não faças isso.

LUCILDA

Chiu, caladinho.

Aníbal MURMURA. Lucilda agarra no saco e vai-se embora.

EXT. PRAIA - TARDE

O céu cinzento repleto de nuvens escuras avizinha CHUVA e o areal encontra-se húmido para além da envolvência da maré. À beira-mar, Salvador e Lucilda passeiam com os cães.

LUCILDA

Sempre vamos ao café literário?

SALVADOR

(olha o mar)

Vamos.

LUCILDA

Está tudo bem?

SALVADOR

Sim, está. Quer dizer, acho que está.

LUCILDA

Então?

SALVADOR

É o meu pai. Nunca mais foi a casa, não sabemos nada dele. Disse-te alguma coisa?

LUCILDA

Não, nada.

SALVADOR

Só pensa nele, impressionante.

Sentam-se.

LUCILDA

Também precisa de
espairecer a cabeça.

SALVADOR

Precisa é de pensar
no que faz aos
outros.

LUCILDA

De certeza que o
faz.

SALVADOR

Duvido.

LUCILDA

Agora terá muito
tempo para pensar.

SALVADOR

Como assim?

LUCILDA

Nas férias o que não
falta é tempo para pensar
e repensar...

SALVADOR

Como és capaz de
defendê-lo?

LUCILDA

É o que os amigos
fazem. Põem-se no lugar
uns dos outros.

SALVADOR

E se for
incompreensível?

LUCILDA

(em surdina)

Fazem coisas
inacreditáveis...

INT. CASA DE LUCILDA - ENTARDECER

Lucilda chega a casa e rebusca nos pertences de Aníbal arrumados numa gaveta. Retira desta o telemóvel e escreve mensagens. Em seguida, liga o computador e envia mensagens de correio eletrónico. Posteriormente, coloca-os num saco de papel e leva-o para o topo do farol.

INT. CAFÉ RÚSTICO - NOITE

O estabelecimento encontra-se na penumbra e todas as mesas estão ocupadas. Centrada, cada mesa possui uma vela, bem como um panfleto. APLAUSOS enchem o local. A jovem MULHER vestindo uma túnica azul-turquesa faz uma vénia. Lucilda limpa os cantos dos olhos.

SALVADOR

Muito bom, sim senhor.

LUCILDA

Este poema é incrível.

SALVADOR

Mostra a relação das mulheres com o mar.

LUCILDA

Para mim, é mais do que isso. É como se nós e ele fossemos um, sabes?!

SALVADOR

Mmm, e também faz uma comparação. Diz que os olhos são o espelho da alma.

LUCILDA

É uma linda homenagem às mulheres. Somos como a poesia que não se esquece.

SALVADOR

Tu és de certeza.

Salvador beija-a. Lucilda sorri.

LUCILDA

Estou a ficar com
fome.

SALVADOR

Também já comia qualquer
coisa.

Ambos folheiam o cardápio.

LUCILDA

E que tal uma fatia
de bolo de canela?

SALVADOR

Adoro.

LUCILDA

Vou lá pedir.

Salvador vê o folheto que se encontra na mesa.

LUCILDA

Aqui está.

SALVADOR

Obrigado.

LUCILDA

(come)

Que delícia.

SALVADOR

Mmm, o meu pai
deu sinais de vida.

LUCILDA

Deu? Então?

SALVADOR

Mandou uma mensagem a
dizer que vai estar fora
por uns tempos.

LUCILDA

Não te disse? Tem de
desanuviar.

SALVADOR

(irritado)

Está a fugir, desculpa
lá!

LUCILDA

Tu és demasiado duro.

SALVADOR

Eu é que sou demasiado
duro?! Que porra, és
capaz de parar de
defendê-lo por um
segundo?

LUCILDA

Se tu...

Breve SILÊNCIO.

SALVADOR

O quê?

LUCILDA

Não é nada.

SALVADOR

Ias dizer alguma
coisa.

LUCILDA

Não nos vamos chatear
por causa disto.

Lucilda, de rosto cerrado, continua a comer.

SALVADOR

(agarra-lhe a mão)

Desculpa. Foi sem
intenção.

LUCILDA

Tudo bem.

SALVADOR

E a ti não te mandou
nada?

LUCILDA

Que tenha visto, não.

Retira o telemóvel da mala.

LUCILDA

Deixa cá ver. Sim,
mandou.

SALVADOR

Isto é surreal. Achas
que volta a tempo das
aulas?

LUCILDA

Até começarem, ainda
falta. Mas espero que
sim. Se não, mais uma
chatice.

SALVADOR

Mais uma, menos uma...

O resto da refeição decorre em sossego.

INT. GRUTA MARÍTIMA - DIA

A gruta marítima está, mais do que o habitual, submersa na
luminosidade, proveniente da fenda do cume. Lucilda
encontra-se sentada em frente de Aníbal. Ao redor deles,
existe um saco, pedaços de pão e uma garrafa de água.

ANÍBAL

Ainda vais a tempo de
parares, Lucilda!
Peço-te!

LUCILDA

Enquanto não me contares
tudo, não sais daqui.

ANÍBAL

Por favor...

LUCILDA

Pensavas que me
enganavas, não era?!

ANÍBAL

Mas eu não...

LUCILDA

(aperta-lhe a cara)

O que fizeste ao meu
irmão?

ANÍBAL

Mais tarde ou mais
cedo, eles virão à
minha procura.

LUCILDA

Eles quem? A tua ex-mulher
e o teu filho?! Bem podes
esperar.

ANÍBAL

Eles amam-me à mesma.

LUCILDA

Talvez. Mas com as
tuas mensagens que
vão recebendo...

ANÍBAL

O quê?

LUCILDA

Bem, volto noutro dia.

Coloca-lhe a mordaça, Aníbal contorce-se e Lucilda arruma os alimentos dentro do saco.

LUCILDA

Já queres contar?

Baixa-lhe a mordaça.

ANÍBAL

Está bem. Nós discutimos
porque ele descobriu
que eu ainda estava
com a minha mulher.
Depois, ele sentiu-se
mal e eu... eu deixei-o.
Fiquei com medo e fugi.

LUCILDA

Tu és um monstro!

Lucilda coloca-lhe a mordação. Aníbal protesta.

INT. CASA DE LUCILDA - MANHÃ

Sentada numa cadeira vintage, à janela de casa, Lucilda bebe um café. Encontra-se absorta na fotografia que segura numa das mãos, dela e do irmão Afonso. Sobre a mesa atrás de si, inúmeros papéis e manuais escolares estão pousados. Chega junto dela Salvador. Afaga-lhe a nuca e beija-a na face. Senta-se.

SALVADOR

Esta foto está de
mais.

LUCILDA

Uma das nossas
explorações.

SALVADOR

Que foram explorar?

LUCILDA

Fomos visitar um teatro
antigo. Ouvimos histórias
inacreditáveis deste
sítio.

SALVADOR

Não me digas que estava
assombrado?!

LUCILDA

Acho que todos os espaços
antigos têm uma história
dessas.

SALVADOR

Também é por isso que
são tão tentadores.

LUCILDA

Também.

SALVADOR

São estes momentos que
valem a pena.

LUCILDA

Sem dúvida.

Salvador abraça-se a ela.

SALVADOR

Queres mais café?

LUCILDA

Um pouco.

Serve ambos.

INT. GRUTA MARÍTIMA - DIA

Aníbal, com grãos de areia colados na pele, tenta libertar-se das cordas. Fricciona-as nos entalhes na parede de rocha.

ANÍBAL

Vá lá!

ANALEPSE - EXT. BARCO - DIA

As andorinhas esvoaçam por entre o céu nítido e a ONDULAÇÃO do mar abana pouco o barco. Afonso e Aníbal, em tronco nu e trajando calções de banho curtos, permanecem deitados de costas. Observam os pássaros.

AFONSO

Passava aqui a vida
se pudesse.

ANÍBAL

Já passas.

AFONSO

Não o suficiente. Este
é o meu refúgio. Parece
sempre pouco tempo...

ANÍBAL

Percebo-te.

AFONSO

Não te sei dizer
quantas canções já
compus aqui.

ANÍBAL

Adoro quando vimos
aqui.

Aníbal vira-se de lado para Afonso. Desliza o dedo pelo
peito de Afonso até ao umbigo.

AFONSO

Sabe bem.

ANÍBAL

(beija-lhe o peito)

E isto? Sabe bem?!

Afonso apoia as mãos no solo. Estica-se e beijam-se,
apaixonadamente.

FIM DA ANALEPSE

INT. CASA DE LUCILDA - TARDE

Salvador, envergando um sobretudo azul escuro com as bordas
a drapejar ao VENTO atrás de si, e usando um cachecol
cinzento, BATE à porta de Lucilda. Pousa, com esforço, um
dos sacos no chão, e caminha até à janela. Espreita.
Regressa à porta, retira a chave suplente debaixo do
tapete, coloca o saco no braço e entra. Pousa-os em cima da
mesa. Abraça os cães.

SALVADOR

Olá! Como estão os
meninos?

Tira o sobretudo e o cachecol. Pendura-os no cabide do *hall*
de entrada. Dirige-se à enegrecida vitrola, escolhe um
disco de vinil e põe o braço da agulha sobre ele. MÚSICA
jazz ambiente faz-se ouvir e retira dos sacos embalagens de
massa verde *fettuccine* e chamuças de soja. Veste o avental
e põe tachos no fogão. TRAUTEIA.

INT. GRUTA MARÍTIMA - TARDE

Lucilda, enverga um vestido longo, de colãs e botas, passeando em frente de Aníbal. A VOZ dele arrasta-se a cada frase.

ANÍBAL

Não fui eu... foi um
aci...

LUCILDA

(irada)

Tu deixaste-o.

ANÍBAL

Não soube... o que
fazer. Desculpa.

LUCILDA

Mas soubeste fugir
como o covarde que
és!

ANÍBAL

Pensas que és só tu
a sofrer?

Lucilda detém-se.

LUCILDA

Nem te atrevas! Tu
escolheste assim.

ANÍBAL

Como tu escolhes
agora. Achas que estás
a ser melhor do que
eu?

LUCILDA

Nós não merecíamos
isto.

ANÍBAL

Ninguém merece. E
teres-me aqui não ajuda
nada...

LUCILDA

Cala-te!

ANÍBAL

Tira-me daqui. Isto
pode ficar só entre
nós.

LUCILDA

(pega num pau)

Eu disse para te
calares!

Ergue o pau e atinge-o no braço duas vezes. Aníbal GRITA de dor.

INT. CASA DE LUCILDA - TARDE

Sobre a mesa, Salvador estende uma toalha branca bordada, caindo até aos assentos das cadeiras. Posiciona o castiçal de latão dourado no centro, com três velas, e os pratos um de cada lado. O talher prateado e esculpido em folhas encontra-se junto dos guardanapos, imaculadamente, dobrados. Salvador retira da prateleira de cima os copos de pé alto.

SALVADOR

(para os cães)

Que tal? Ela vai gostar,
não vai?!

Vlad e Galileu empinam as patas dianteiras nas cadeiras e LADRAM.

SALVADOR

Também acho.

Salvador tira o avental.

EXT. CASA DE LUCILDA - ENTARDECER

Lucilda atraca o barco. CHORA, caminhando descompassada pelo declive do areal, cai e vomita. Limpa os olhos e a boca. Levanta-se.

INT. CASA DE LUCILDA - ENTARDECER

Lucilda abre a porta, entra em casa e depara-se com o atencioso acolhimento.

SALVADOR

Mesmo a tempo! Olha o
que preparei para nós!

Lucilda fica parada à porta.

SALVADOR

Não estás feliz?

LUCILDA

(avança)
Claro que sim. Obrigada!

Beijam-se.

LUCILDA

Vou só tomar um duche
rápido.

Salvador acende as velas. Lucilda desloca-se para a casa de banho e põe a água a correr. Despe-se. Fecha a porta de vidro da banheira. Passa as mãos pelo cabelo e fica de olhos fechados deixando a água quente descer-lhe pelo rosto. Salvador abre a porta do chuveiro, entra, e o espaço fica ocupado por vapor e dois corpos enlaçados. Beijam-se. As velas, outrora altas, já ardem para além do meio, quando Salvador sai, vestindo uma camisola. Lucilda, de toalha enrolada à cabeça, coloca um vestido verde-pinho e longo, sentada na cama.

SALVADOR

Está pronto para
comer.

LUCILDA

(tira a toalha)
Que cheirinho!

Salvador serve-os.

SALVADOR

Está bom, não está?

LUCILDA

Uma maravilha.

Vlad e Galileu aninham-se na cama.

SALVADOR

(bebe)

Está tudo bem?

LUCILDA

Acabei de dizer que
está uma maravilha.

SALVADOR

Não é isso. Se tu estás
bem?

LUCILDA

Estou. Porquê?

SALVADOR

Ultimamente, andas muito
misteriosa.

LUCILDA

Que tolice.

SALVADOR

Eu não acho. Sê sincera
comigo. Passa-se alguma
coisa?

LUCILDA

(irritada)

Controlos comigo não,
Salvador!

SALVADOR

Sabes bem que não é
nada disso.

LUCILDA

Então, é o quê?

SALVADOR

Preocupação. Seja o que
for, podes contar comigo.

Comem em SILÊNCIO.

SALVADOR

Sempre que houver um
problema, vai ser assim?
Fico como um estra...

Lucilda BATE com a mão na mesa.

LUCILDA

Queres mesmo saber?

SALVADOR

Quero.

Lucilda levanta-se e encaminha-se para o piso superior da casa. Regressa, pouco tempo depois. Põe o saco de papel em frente dele.

SALVADOR

O que é isto?

LUCILDA

Abre e vê.

Salvador abre, vagarosamente, o saco.

SALVADOR

Mas isto...

LUCILDA

É-te familiar?

Semicerrando os olhos, Salvador remexe nos objetos.

SALVADOR

São as coisas do meu
pai...

LUCILDA

Nem mais.

SALVADOR

Mas que raio fazes com
elas?

Lucilda não responde. Salvador levanta-se.

SALVADOR

Isto não é o que eu
estou a pensar, pois
não?!

LUCILDA

Quero que saibas que
nunca te quis magoar.

SALVADOR

(aflito)

O que fizeste ao meu
pai?

LUCILDA

Sim, eu raptei-o. Está a
sofrer pelo que nos fez!

SALVADOR

Onde está ele?

LUCILDA

Onde tem de estar!

SALVADOR

Diz-me!

LUCILDA

Queres ouvir que me
arrependo? Nem por um dia.

SALVADOR

Como vives contigo?
Comigo?

Salvador veste o sobretudo. Sai de casa. Lucilda embrulha-se ao xaile com padrão xadrez e acelera o passo.

EXT. CASA DE LUCILDA - ENTARDECER

Salvador desce a vereda, seguido por Lucilda. Discutem.

LUCILDA

Nunca quiseste saber
dele, e agora estás todo
preocupado?

SALVADOR

Mas não lhe quero mal!
Isto é demais!

LUCILDA

(dá um grito agudo)

Ele matou o meu irmão!

SALVADOR

O quê?

LUCILDA

É isso que ouviste.
Deixou-o estendido,
abandonado. E fugiu.

SALVADOR

Onde é que ele está?

LUCILDA

Não ouviste o que acabei
de dizer?!

SALVADOR

Diz-me!

Lucilda dirige-se para o barco. Sobe a bordo. Salvador segue-a.

EXT. BARCO - ENTARDECER

A escuridão abate-se sobre eles. CHOVE. Ao leme, encontra-se Lucilda.

LUCILDA

Entendes por que o fiz?

SALVADOR

É uma loucura.

LUCILDA

E se fosse contigo?

SALVADOR

Nunca o faria!

LUCILDA

Só confrontados com a
situação é que sabemos
do que somos capazes.

SALVADOR

Achas justo pagar mal
com mal?

LUCILDA

Para ti é muito fácil
julgar.

SALVADOR

(mostra o pescoço)
Já te esqueceste do que
me aconteceu?

LUCILDA

Não.

Há um breve SILÊNCIO.

SALVADOR

Eu sinto muito, a sério.
Mas não podias ter feito
isto.

LUCILDA

Fiz o que tinha de ser
feito.

SALVADOR

Não estás a ver as coisas
com clareza.

LUCILDA

Achas-me louca? É que
isso é o que costumam
dizer aos malucos!

SALVADOR

(secamente)
Ainda falta muito?

Prosseguem, a viagem, num SILÊNCIO incómodo.

INT. GRUTA MARÍTIMA - ENTARDECER

Chegam à gruta. Lucilda atraca o barco.

SALVADOR

Não acredito...

Sobem para o interior da gruta. Salvador, ao encontrar o pai, corre até ele e desamara-o.

SALVADOR

Pai?

ANÍBAL

Salvador? Filho?

SALVADOR

Está tudo bem.

Salvador auxilia o pai a erguer-se. Lucilda, afastada, observa.

ANÍBAL

Foi ela.

SALVADOR

Eu sei. Eu sei de tudo.

ANÍBAL

Não tive culpa de nada.

LUCILDA

Tiveste. Deixaste-o.

ANÍBAL

E isso custa-me todos os dias.

LUCILDA

Não mais do que a mim.

ANÍBAL

Se pudesse, eu mudava tudo.

LUCILDA

Poupa-me a essas frases feitas!

SALVADOR

Chega! Nenhum tem moral para apontar o dedo!

Aníbal apoia-se na rocha.

SALVADOR

(para o pai)

Por que não fizeste
nada?

ANÍBAL

Paralisei. Tive medo.

SALVADOR

E tu, Lucilda? Isto tudo
para quê?

Lucilda deambula e percorre com as pontas dos dedos a rugosidade da parede da gruta.

LUCILDA

Não percebes mesmo, pois
não? O que fazemos por
um amor incondicional é
desmedido, selvagem.

SALVADOR

Tu precisas de ajuda,
a sério.

LUCILDA

(grita)

O meu irmão é que
precisou! Nada disto
teria acontecido se não
fosse o teu pai!

ANÍBAL

Não me culpes pelos teus
erros.

LUCILDA

Não são nada comparados
aos teus.

SALVADOR

Basta! Que vamos fazer,
hein?

ANÍBAL

Vamos apresentar
queixa.

LUCILDA

Tens a certeza?

Lucilda retira um gravador do bolso do vestido. Ergue-o, vitoriosa, e carrega no botão *play*, dirigindo um olhar duro a Aníbal.

ANÍBAL (V.O.)

Nós discutimos porque
ele descobriu
que eu ainda estava
com a minha mulher.
Depois, ele sentiu-se
mal e eu... eu deixei-o.

LUCILDA

Não é preciso continuar,
pois não? Se é para cair,
caímos os dois.

SALVADOR

Vocês perderam o juízo.

ANÍBAL

(enervado)

Será um segredo só
nosso.

SALVADOR

Como são capazes?

LUCILDA

Então, Salvador? Guardas
o segredo?

EXT. GRUTA MARÍTIMA - ENTARDECER

O céu volve-se cor de cinza e as nuvens negras como corvos começam a derramar gotas espessas que se dissolvem no mar. Da entrada de uma gruta marítima somente acessível de barco, saem Lucilda, Salvador e Aníbal. Sentada numa das extremidades da embarcação, encontra-se Lucilda. Embrulhada

num xaile com padrão xadrez sobre o vestido verde-pinho e longo, fita o oceano. Sentado do lado oposto encontra-se Aníbal. São notórias as nódoas na camisa branca amarrotada, embora esteja abraçado a si. Ao leme encontra-se Salvador. Usa um sobretudo azul escuro. Observa ambos.

LUCILDA (V.O.)

Existe um mar em nós e
nós existimos no mar.
Somos acalmia e
turbulência. Ele é
canto e abraço. E, assim,
juntos, somos lumes e
marés.

FADE OUT.

FIM